



PATRIMÔNIOS, EXPRESSÕES E PRODUÇÕES

**SUBSÍDIOS PARA
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DIDÁTICOS
7^A E 8^A SÉRIES – ENSINO FUNDAMENTAL**



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador

José Serra

Vice-Governador

Alberto Goldman

Secretária da Educação

Maria Helena Guimarães de Castro

Secretária-Adjunta

Iara Gloria Areias Prado

Chefe de Gabinete

Fernando Padula

Coordenador de Estudos e Normas Pedagógicas

José Carlos Neves Lopes

FUNDAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO – FDE

Presidente

Fábio Bonini Simões de Lima

Chefe de Gabinete

Richard Vainberg

Diretora de Projetos Especiais

Claudia Rosenberg Aratangy

Gerente de Educação e Cultura

Devanil Tozzi

PARCERIA: A. W. FABER-CASTELL S.A.

PATRIMÔNIOS, EXPRESSÕES E PRODUÇÕES

**SUBSÍDIOS PARA
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DIDÁTICOS
7^A E 8^A SÉRIES – ENSINO FUNDAMENTAL**



SÃO PAULO, 2008

Caros professores

É com grande prazer que apresentamos a série **Subsídios para Desenvolvimento de Projetos Didáticos**, que faz parte do *Programa Cultura é Currículo*, criado pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE em parceria com a empresa Faber-Castell.

O resultado dessa parceria é a produção deste material que traz manifestações culturais para sala de aula e dá visibilidade à inserção da escola na cultura. Propõe também ações educativas que ajudam os alunos a compreender melhor alguns conteúdos escolares, a avançar no conhecimento de mundo e, assim, a posicionar-se de maneira consciente e autônoma.

Essa publicação está organizada em fascículos, correspondentes aos segmentos da escolaridade básica. Eles apresentam orientações para os educadores, definidas com base nas propostas curriculares das séries e áreas do conhecimento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. Abrangem atividades para sala de aula e orientações para visitas às instituições culturais e ambientais.

As idas às instituições culturais e ambientais, planejadas a partir deste material, permitirão que alunos e professores experimentem outro ambiente de aprendizagem, mas que, ao mesmo tempo, possam relacionar essa experiência às atividades e conteúdos de sala de aula.

O *Programa Cultura é Currículo* representa uma das frentes de atuação da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo em direção à valorização e apoio ao trabalho da escola pública estadual.

Para Faber-Castell, empresa com 247 anos de existência, que vem participando ativamente na educação de milhares de crianças no mundo inteiro, essa parceria significa integrar a presente

publicação a seu Programa Escolar, um canal de comunicação direto com as escolas do Brasil.

Todas essas possibilidades, com certeza, ampliarão a forma de ver, de olhar e de entender o mundo. Por isso, acreditamos que nossa escola estará ensinando conteúdos essenciais para viver e atuar no mundo de hoje.

Fábio Bonini Simões de Lima

Presidente da FDE

Gioji Okuhara

**Diretor Presidente da
A. W. Faber-Castell S.A.**

Diretor Geral da América Latina

Apresentação

O eixo temático “Patrimônio, expressões e produções” tem como objetivo demonstrar a importância das instituições culturais na preservação e difusão do objeto artístico, discutindo, por um lado, como o lugar da arte é relevante para o reconhecimento de seu “valor” na história ocidental da humanidade; e por outro, ajudando, assim, os estudantes a compreender que museus são lugar de pesquisa e difusão de conhecimento e que, portanto, têm uma intencionalidade.

O assunto é da maior pertinência por possibilitar que jovens de 7ª e 8ª séries tenham a possibilidade de visitar museus nos quais estão abrigados exemplos do patrimônio artístico brasileiro, garantindo-lhes acesso para que possam utilizar os espaços culturais da cidade com autonomia.

No Brasil, as escolas de ensino formal têm sido as grandes responsáveis pela formação de público de museus. É possível que esta seja uma das primeiras, se não a primeira, oportunidade de esses jovens entrarem em contato com obras de arte originais, no contexto das instituições culturais. É, portanto, como destacam os PCNs (Ensino Fundamental), um contexto ideal para a apropriação dos conhecimentos socialmente elaborados para a construção da cidadania e da identidade da cultura brasileira.

Os dois projetos apresentados neste eixo temático oferecem orientações didáticas para o professor estruturar seqüências de aulas com o objetivo de explorar com seus alunos vivências em instituições culturais. Permitem que a escola inclua no currículo questões ligadas à arte e ao patrimônio cultural. Ambos estão divididos em três momentos, sendo o primeiro uma introdução ao tema, partindo do que os alunos sabem sobre o assunto; o segundo, uma investigação sobre o assunto; e o terceiro, a elaboração de um produto final que materializa o percurso de aprendizagem dos alunos e que permita avaliar os conteúdos aprendidos.

O projeto *Os objetos e as diferentes formas de olhá-los* leva os estudantes a aprender a olhar para não ficarem imobilizados diante de tantas informações visuais a que somos submetidos cotidianamente. Com isso, aprender a refletir, a interpretar e a compreender aquilo que estão vendo. A visita à instituição cultural amplia a experiência estética, tornando mais significativo o aprendizado sobre apreciar, refletir e produzir imagens.

O projeto *História e histórias – múltiplas versões* procura compreender a diversidade de versões, mostrando que não existe a História, mas verdades parciais. Aspecto que será constatado por meio da visita à instituição cultural, onde os alunos terão a oportunidade de compreender que uma exposição é uma forma de contar algo e descobrir as várias versões possíveis quando tratamos de determinado assunto.

Sumário

Projeto 1

Os objetos e as diferentes formas de olhá-los 8

Orientações para a visita à instituição cultural 22

Projeto 2

História e histórias: múltiplas versões 24

Orientações para a visita à instituição cultural 42

Quadro geral dos projetos 44

Os objetos e as diferentes formas de olhá-los



Justificativa

Em nosso dia-a-dia somos sobrecarregados de informações visuais. Em um simples deslocamento pela cidade entramos em contato com diferentes roupas, cartazes, cortes de cabelo, modelos de carros, pichações e diferentes estilos arquitetônicos. Quando ligamos a TV, também somos bombardeados por mais imagens, correndo o risco de absorvê-las de maneira passiva, sem nos darmos tempo de pensar se queremos ou não vê-las ou mesmo entendê-las. O excesso de informações nos coloca defronte a um universo infinito de referências estéticas que pode nos levar a uma padronização do olhar, ou seja, olhar coisas indiferentemente, como se fossem todas iguais. Na situação cotidiana, muitas referências estéticas

Suas anotações

ou passam despercebidas ou apenas cumprem a função de fornecer uma informação imediata. Se fôssemos analisar com cuidado o significado de cada elemento visual que atrai nosso olhar, poderíamos ficar paralisados diante do volume de tais informações.

Absorver essas inúmeras informações visuais é um comportamento automático na realização de atividades diárias. Em nosso cotidiano nos relacionamos com uma série de objetos e/ou informações visuais e, na imensa maioria das vezes, não “preparamos” nosso olhar a fim de analisar o que vemos. Então, podemos nos perguntar: como desenvolver um olhar pessoal, próprio, questionador e transgressor?

É fato considerarmos que a escola objetiva ensinar aos alunos conteúdos que lhes são necessários para compreender e atuar no mundo em que vivem. Assim, podemos compreender que ensinar a olhar é uma das tarefas da escola. Se nela se aprende a ler e escrever, por que não se aprende também a olhar? A escola pode ensinar os estudantes a ver as imagens, as informações visuais como se fosse pela primeira vez, estimulando-os a refletir, interpretar e construir uma compreensão e um gosto pessoal sobre aquilo que estão vendo.

Os objetos artísticos, seus lugares de exposição e o olhar dos alunos compreendem o tema central do projeto *Os objetos e as diferentes formas de olhá-los*. O assunto nos permite questionar: será que os objetos existiriam sem o espectador, sem aquele que vê, reflete, cria relações entre o que está vendo e o que já viu? E existiriam sem que houvesse um lugar adequado para eles?

São essas questões que se pretende discutir aqui, por meio de uma seqüência de atividades para a realização de um produto final a ser compartilhado pelos alunos. Uma das atividades será a visita a uma instituição cultural, que lhes possibilitará o contato direto com objetos artísticos e o lugar em que se encontram, vivenciando uma situação pedagógica que se

Suas anotações

desenvolve a partir da escola e que integra este projeto, criando um contexto de aprendizado significativo. O projeto terá três momentos e a visita pode ocorrer em qualquer um deles.

O produto final será um jogo de imagens: um bingo, um jogo da memória, um quebra-cabeça etc. É esperado que alunos dessas séries tenham alguma experiência com esses jogos de mesa, o que facilitará a criação das regras e de seu conteúdo, e que conheçam os procedimentos para sua confecção, como medir, recortar, colar.

Objetivos

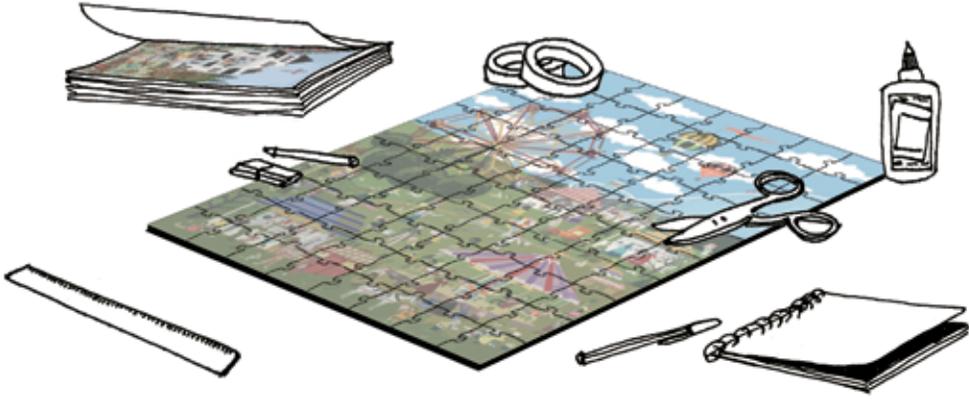
- Criar condições para que alunos de 7ª e 8ª séries reflitam sobre sua forma de olhar e a dos outros com relação às imagens que vêem, compreendendo que é seu olhar que dará sentido aos objetos.
- Proporcionar o contato dos alunos com os objetos originais em exposição em um museu ou em outra instituição cultural, ampliando sua experiência estética e tornando mais significativo o aprendizado sobre apreciar e refletir imagens.

O que se espera que os alunos aprendam

- Atribuir significados aos objetos expostos (como o objeto representa a história, o lugar, a relação entre as pessoas etc.).
- Analisar a organização da coleção de objetos no espaço de exposição (por função, época, civilização, autor e outros motivos).
- Comparar e diferenciar obras de diversos autores, épocas e lugares.
- Valorizar as formas de produção artística e cultural.
- Reconhecer a importância dos espaços expositivos das instituições culturais como possibilidade de aprendizado escolar.



O meu e o seu olhar



As atividades deste momento permitem que os alunos comecem a refletir sobre como observam os objetos visuais, se seu olhar é único, se é parecido ou não com o do outro e por quê, e, ainda, como representam esse olhar por meio da produção de imagens ou textos.

Compartilhe com eles o tema do projeto, questionando-os sobre o que deve ser tratado. Diga-lhes que o desafio será, no final, ampliar seus olhares e suas representações, criando jogos de imagem, como jogo da memória, quebra-cabeça, mico de imagens, trilha ou bingo de imagens (nesse jogo, em vez de cantar os números, como acontece no bingo tradicional, canta-se a imagem: tudo que se vê e se sabe sobre ela).

Também é fundamental que você crie estratégias para comprometer os alunos com a visita, relacionando-a com o produto que realizarão, ou seja, os jogos.

O jogo com imagens é uma ótima estratégia de apreciação para todas as idades, pois, ao mesmo tempo que há um objetivo a alcançar bem explícito, é possível focar o olhar dos alunos naquilo que se quer que eles observem.

Suas anotações

ATIVIDADE 1 OBSERVAÇÃO E REGISTRO DE UM OBJETO

Objetivo

Respeitar as diversas maneiras de registrar o olhar sobre um mesmo objeto, visando refletir sobre as diferenças e semelhanças de olhares.

Encaminhamento



1. Para iniciar, escolha um objeto para ser observado por todos os alunos da sala, como, por exemplo: um vaso de flores, uma cesta de frutas, uma paisagem nos arredores da escola (que possa ser vista de dentro da escola), a fachada ou uma parte interna da escola. Organize os alunos à frente desse objeto e pergunte o que estão vendo. Oriente seus olhares, propondo que observem o tamanho do objeto e suas partes, se há uma parte na frente da outra (sobreposição), as posições de cada parte do objeto e as formas. Converse sobre a diferença entre fazer um desenho de observação desse objeto buscando seguir fielmente o modelo (representação realista) e para modificar o modelo (representação não realista).
2. Proponha que os alunos se posicionem à frente do objeto já analisado no começo e façam um desenho de observação que siga o mais fielmente possível o modelo observado, considerando o tamanho, a forma, as partes e a sobreposição. O material pode ser papel branco ou colorido e caneta preta. Separe mais de uma folha para cada aluno, pois ele pode errar e precisar de outra; caso não consiga, incorpore seu erro no desenho.
3. Aprecie os trabalhos com os alunos e proponha que observem como cada um fez seu desenho, como percebeu e representou o objeto visual. Questione-os sobre as semelhanças ou não e por quê. Pergunte:
 - Embora observando o mesmo objeto, existem maneiras pessoais e diferentes de representação?

Suas anotações



O olhar e sua representação

Neste momento o aluno será levado a apreciar algumas imagens de obras de arte, além de suas próprias produções e a dos colegas, continuando a experimentar novas formas de olhar e sua representação do objeto. A idéia é que agora ampliem suas possibilidades de produção de imagens.

ATIVIDADE 3 REPRESENTAÇÃO DE NOVOS OLHARES

Objetivo

Apreciar e analisar imagens de obras de arte, a própria produção e a do colega no que diz respeito a seu tema e como esse tema é representado respeitando as diferentes maneiras de registrar o olhar sobre um mesmo objeto.

Encaminhamento

1. Diga aos alunos, mais uma vez, que todas as imagens que produzirem serão guardadas para serem usadas no último momento do projeto, como referência para criar e montar os jogos.

Em todas as atividades de registro de imagens, é importante que sejam utilizados papéis do mesmo tamanho, de preferência uma folha de papel sulfite A4 cortada em quatro, na medida 15 × 10,5 cm, pois todo o material de registro será utilizado, ao final do projeto, na confecção dos jogos. Esse procedimento evitará que você tenha desenhos de tamanhos variados, o que prejudicaria a atividade final.

2. Mostre-lhes duas diferentes obras que tratam do mesmo tema: o sol. Peça que as comparem, diferenciando as formas de olhar e representar a realidade.

Suas anotações

Impressão: nascer do sol (Impression: soleil levant), Claude Monet, 1874.



Nascer do sol (Rising Sun), aquarela, Paul Klee, 1919.



Estamos diante de duas pinturas, uma feita por Claude Monet e outra por Paul Klee. Ambas representam o sol nascendo ou morrendo, mas representam do mesmo jeito? Será que só olhando para elas é possível identificar se foram ou não feitas pelo mesmo artista? Qual se assemelha mais a um sol? Por quê? A atividade ficará mais completa se você conseguir exemplos em diferentes modalidades, como pintura e colagem com o mesmo tema. Tente encontrar mais casos como esses para que os alunos possam compreender melhor tais diferenças.

3. Proponha que os alunos utilizem o instrumento que criaram, os óculos, para observar um objeto (lembre-se dos exemplos da atividade 1) e desenhá-lo. Para isso, ofereça diferentes papéis, giz de cera, lápis de cor, canetas hidrocor, lápis preto. Os alunos podem escolher o material a ser usado

para representar o que estão observando. Explique que, no primeiro momento, eles fizeram uma representação “mais realista”, mas que agora terão o desafio de criar algo novo e “menos realista” por causa da interferência do instrumento, que poderá mudar seu olhar, como é o caso das obras que apreciaram antes.

Você também poderá propor que um aluno troque com outro seu instrumento, experimentando observar o mesmo objeto com “um novo olhar”.

4. Aprecie com eles as produções que fizeram.

ATIVIDADE 4 DIFERENTES REPRESENTAÇÕES DE UM MESMO OBJETO

Objetivo

Diversificar a noção de representação dos objetos visando aprofundar o tema tratado.

Encaminhamento

1. Peça aos alunos que se dividam em duplas e distribua papel (15 × 10,5 cm) e caneta preta. Oriente-os para que escolham um tema sobre o qual realizarão um desenho, por exemplo: plantas, animais, natureza, objetos, pessoas, construções ou espaços da própria escola.
2. Explique-lhes que cada dupla produzirá dois desenhos sobre um mesmo tema, ou seja, o resultado serão duas formas de representação de um objeto. Diga que é importante que os desenhos sejam diferentes para que possam verificar as semelhanças e diferenças entre eles.

Garanta, neste momento, que cada dupla desenhe um tema para que não haja repetições.

3. Ao final da atividade, compartilhe as produções com toda a classe e esclareça que esses desenhos serão guardados para serem utilizados na confecção dos jogos ao final do projeto.

Suas anotações



Criação dos jogos de imagens

Este é o momento final, o de confeccionar os jogos. Retome a lista de anotações sobre as ações que teriam de fazer neste projeto, escrita no final do primeiro momento. Avalie com os alunos se a estão seguindo.

Os alunos utilizarão as imagens que vêm criando desde o começo. Por isso, é muito importante que você garanta o armazenamento das produções até chegarem a esta etapa, inclusive os cadernos feitos na visita (ver orientações para visita ao final do projeto).

Como para confeccionar os jogos é preciso juntar todas as imagens e textos, a visita deve ser realizada, no máximo, no início deste terceiro momento. É fundamental que os alunos tenham muito claro para quem farão os jogos, pois a escolha das imagens e possíveis textos dependem disso. É diferente fazer um jogo para as crianças da 1ª série e para as da 7ª e 8ª.

ATIVIDADE 5 PLANEJAMENTO DOS JOGOS

Objetivo

Planejar jogos de imagens, buscando compreender que o jogo será mais uma maneira de aprender a ver, a olhar os objetos e que é necessário respeitar as diferentes formas de registrar o olhar.

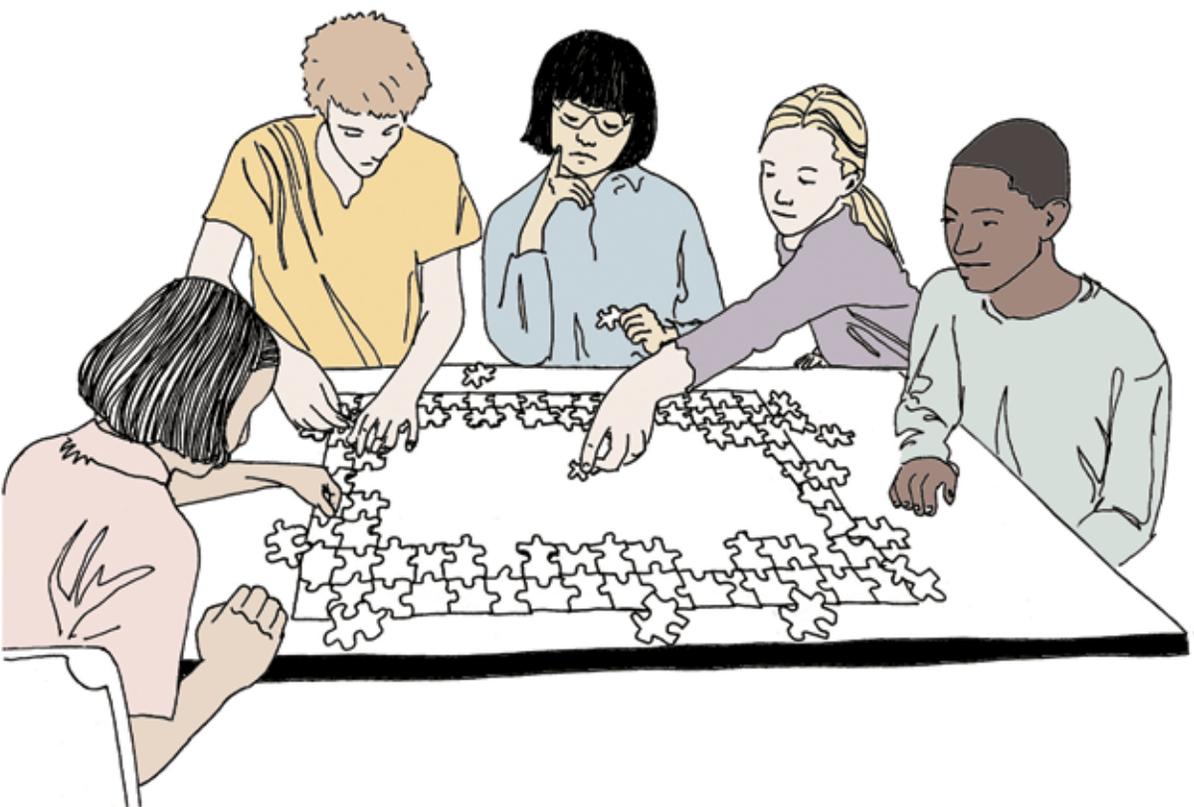
Encaminhamento

1. Organize os alunos em grupos e distribua as produções que cada um fez até o momento, incluindo as da visita. Assim, os grupos ficarão com um acervo de imagens variadas. Os alunos precisam saber que as imagens do jogo serão feitas por meio da observação das imagens já produzidas por eles. Proponha que façam um planejamento de como será o jogo.

É muito importante conversar sobre o que é planejar e como poderão fazer esse planejamento, para que não fiquem “perdidos”. Algumas dicas: defina com os alunos qual será o jogo, como serão suas regras, para quem será feito (mostre-lhes alguns jogos e suas regras como exemplos); de que materiais vão precisar (apresente a lista de materiais de que a escola dispõe, para que possam saber se terão de trazer algum material de casa); se será necessário fazer uma embalagem e como poderá ser feita; que imagens usarão dentre aquelas que já produziram.

Oriente os grupos sobre o planejamento e verifique se estão planejando jogos coerentes e possíveis de serem jogados e produzidos.

2. Concluídos os planejamentos, proponha que cada grupo conte à classe como será seu jogo. Com isso, todos poderão trocar idéias, sob sua orientação.



ATIVIDADE 6 CONFECÇÃO DOS JOGOS

Objetivo

Confeccionar jogos e compreender que são mais uma maneira de aprender a ver, a olhar os objetos respeitando as diferentes formas de registro do olhar.

Encaminhamento

1. Toda imagem que for utilizada no jogo deverá ser daquelas produzidas pelos alunos nas atividades anteriores. Por exemplo: se um grupo fizer um jogo da memória, o par não deverá ser igual mas uma das cartas deverá conter uma parte, detalhes da imagem que aparecerá completa na outra. Quando os pares das imagens já tiverem sido escolhidos, deverão ser colados em cartolina ou papelão. Oriente os alunos para que formem pelo menos dez pares para obter um jogo mais dinâmico.
2. Confeccionados os jogos, os grupos produzirão as embalagens e as regras, se tiverem decidido por essa necessidade. Escrever regras de jogo é um bom momento para trabalhar, se possível, em parceria com o professor de Língua Portuguesa. Esse é um texto simples, que tem como característica principal a listagem de frases de comando com o uso de verbos no imperativo (eis a boa chance para o professor de Língua Portuguesa discutir esse tempo verbal, pouco usado na maioria dos textos). Aproveite as instruções de outros jogos da escola para usar como modelo, para que os alunos não se esqueçam de cada item que as regras devem conter, como, por exemplo, número de jogadores, objetivo do jogo, como se decide quem começa, o que o jogador deve fazer na sua vez etc.
3. Os grupos, agora, vão testar o jogo, para ver se tudo está correto e se o jogo deu certo. Se não deu, proponha que refaçam.

4. Cada grupo decidirá se o jogo ficará na própria classe, se fará parte do acervo de jogos da escola ou, ainda, se será presenteado para outra turma.

ATIVIDADE 7 AVALIAÇÃO

Objetivo

Avaliar, com os alunos, o que aprenderam durante o projeto.

Encaminhamento

Exemplos de perguntas que poderão ser feitas ao aluno:

- Depois de desenvolver esse projeto, você acha que está olhando um pouco diferente para os objetos? Por quê?
- Sua forma de representar o que vê ampliou? Por quê?
- O que você acha que aprendeu com este projeto?
- Como foi sua participação na produção do jogo?
- Em sua opinião para que serve o jogo de imagens?

Essas questões são individuais, mas depois é importante socializá-las para que os alunos possam, coletivamente, chegar a algumas conclusões sobre o que foi trabalhado e aprendido.

Para socializar as respostas de todos, vale a pena empregar um tempo em uma conversa sobre suas impressões. Os alunos podem, alternando o turno da palavra, ler suas respostas e o professor pode verificar com os demais quem respondeu parecido e quem respondeu algo a mais. A conversa pode ir avançando questão por questão com a contribuição de todos. Isso, além de ajudar os alunos a perceber o quanto aprenderam, ajuda também o professor a avaliar quanto ficaram claros aos alunos os objetivos e as aprendizagens de cada etapa do trabalho. Avaliar o trabalho não é apenas avaliar o que o aluno aprendeu, mas também avaliar o que foi eficiente e o que poderia ser reformulado para a próxima vez que o projeto for desenvolvido com uma nova turma de alunos.

Suas anotações

Orientações para a visita

A visita ao museu poderá ser feita em qualquer um dos três momentos do projeto.

Antes da visita

Reserve um momento para que os alunos compartilhem suas idéias sobre como imaginam que será a visita e como acham que deverão agir. Elabore com eles regras para serem seguidas por todos durante cada parte do evento, pois assim se sentirão mais responsáveis: o preparo para a saída e para a volta, quem os receberá na instituição e quanto tempo ficarão lá.

Oriente-os sobre como fazer registros de observação pelo caminho de ida e volta e na própria instituição. Porém, é importante conhecer as regras internas da instituição. Compartilhe também por que farão a visita: conhecer melhor a instituição, recolher informações sobre a exposição e registrar o próprio olhar desenhando e fazendo anotações escritas.

Registro de observação

Prepare com os alunos um caderno de 15 x 10,5 cm (folha de papel sulfite A4 cortada em quatro), ou seja, do mesmo tamanho que o utilizado nas outras atividades do projeto. Para o registro, qualquer tipo de caneta preta é apropriado, já que o objetivo é que o registro apareça quando visto de longe.

Explique que o caderno servirá como instrumento para registrar o que virem (representação do olhar). Não é preciso orientá-los sobre o que olhar ou como fazer os registros. Explique apenas que o mais importante é que cada um registre de sua maneira. Claro que um aluno sempre olha para a produção do outro para ter idéias, e isso é positivo, desde que não produza sempre apoiado no que o outro cria.

É fundamental conversar sobre como usar o campo do papel. Eles deverão registrar seus olhares em apenas um lado, pois todo esse material será utilizado na confecção do produto final (os jogos de imagens) e, caso os registros sejam feitos na frente e no verso do papel, uma dessas imagens terá de ser descartada.



à instituição cultural

A caminho da instituição e na volta à escola

Entregue aos alunos um material para apoiar o caderno, como prancheta ou papelão. Proponha que durante o trajeto (dentro do ônibus) para a instituição e ao voltar à escola eles desenhem de observação o que olham pelo caminho. Comunique que os desenhos produzidos durante esses trajetos serão usados em atividade na sala de aula.

No momento da visita

Os alunos poderão fazer o registro por observação (durante a visita) ou de memória (logo após a saída da exposição, em um espaço da instituição, como o salão de entrada ou o jardim, caso não seja permitido entrar com caneta e outros materiais ou se a turma decidir por essa forma de registro).

Volta à escola

Nas aulas seguintes após a visita, proponha a produção de um texto, organizando as informações recolhidas. Proponha que com base nos textos troquem e ampliem informações. Pergunte se aprenderiam o mesmo sobre as obras e a exposição, se durante a exposição, só tivessem olhado para as obras, sem buscar informações sobre elas, tendo apenas como referência conhecimentos que já possuíam. Olhar para as obras com ou sem informação faz diferença? Pode mudar seu olhar sobre ela? Discuta com eles sobre essa questão, pois é importante que compreendam que **querer saber mais sobre a obra amplia seu olhar e o conhecimento sobre ela**. Esse é um dos objetivos de ir a uma instituição cultural.

Em uma roda com os desenhos bem à vista, peça aos alunos que os observem para que tentem identificar as formas registradas durante os trajetos de ida e volta e durante a visita à instituição. Aí poderão debater sobre as diferenças entre o que viram no museu e fora dele, se as informações visuais foram as mesmas, onde acham que há mais informações e como estão organizadas. Este é um momento importante que os faz pensar sobre o próprio olhar, como estão recebendo as imagens no dia-a-dia, como as estão interpretando, se as estão olhando sempre da mesma forma.

Bibliografia

ARSLAN, Luciana; Iavelberg, Rosa. *Ensino de arte*. São Paulo: Thomson, 2006.

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

_____. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental II – Arte, Geografia, História e temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 2000.

CUMMING, Robert. *Para entender a arte*. São Paulo: Ática, 1995.

HERNÁNDEZ, F. *Cultura visual, mudanças educativas e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

História e histórias: múltiplas versões



O Grito do Ipiranga,
José Antonio da Silva.

Justificativa

“Todos sabem quem foi a princesa Isabel ou Dom Pedro I.” Talvez essa afirmação não seja absolutamente verdadeira, já que é provável que, no Brasil, algumas pessoas (ainda) não saibam quem são esses personagens históricos. De qualquer maneira, é bastante crível que todos já tenham, pelo menos, ouvido falar neles. Por que será?

A resposta imediata que nos ocorre é: “Porque ambos são personagens centrais na História do Brasil, pessoas responsáveis por fazer o que todo mundo desejava: a independência no caso de Dom Pedro I e a abolição da escravidão no caso da princesa Isabel”. Isso nos leva a uma segunda constatação: geralmente aqueles que já ouviram falar de Dom Pedro I ou da princesa Isabel associam a esses personagens qualidades bastante positivas, falam deles como heróis nacionais, mesmo que estudos recentes não reflitam essa compreensão.

A isso damos o nome de **memória coletiva** ou de **história pública**: uma versão da história que, apesar de muito difundida

Suas anotações

e aceita pelo senso comum, não condiz exatamente com as pesquisas desenvolvidas pelos historiadores acadêmicos que relatam, por exemplo, que na história da abolição da escravidão, a princesa Isabel agiu de acordo com conveniências, atendendo a pressões que estavam se fazendo insuportáveis para a monarquia brasileira em 1888, e não teve apenas um ato de benevolência.

Essa breve introdução nos ajuda a perceber que não há a História, mas versões da História, algumas com foco em um personagem, outras no contexto histórico no qual ele viveu e outras, ainda, se esforçando em prol da construção de heróis nacionais.

Essa reflexão não nos prende exclusivamente ao campo da História. Para todos os fenômenos sociais existem compreensões distintas e verdades parciais. Um dos objetivos centrais do estudo das Ciências Sociais ou mesmo das Artes na escola é levar o aluno a compreender essa diversidade. Dessa forma, o que está em questão no estudo dessas disciplinas não é somente “o que aconteceu no passado” (para ficarmos no exemplo da História), mas “como nos é contado o que aconteceu no passado”, ou seja, que versões existem para a história de determinado acontecimento – e por que existem essas versões.

Um historiador ou um autor de livros didáticos pode propor determinada abordagem sobre um assunto e outro autor, uma outra, para o mesmo assunto e relatá-lo com base em pontos de vista completamente diferentes.

Essas versões também podem ser construídas por outros meios, por exemplo as exposições em instituições culturais.

Ao longo deste projeto, os alunos, orientados por você, terão a oportunidade de entrar em contato com uma exposição em uma instituição cultural e descobrir as várias versões possíveis quando tratamos de enunciar um saber sobre determinado assunto. A idéia é que, independentemente de

Suas anotações

quando essa visita seja realizada (no início, no meio ou no final do projeto), os alunos possam trabalhar no sentido de propor transformações na exposição, agregando ou trocando obras, objetos e/ou informações dentro do contexto do que visitaram. Afinal, esperamos que os alunos sejam capazes de ir percebendo ao longo do projeto, que um mesmo acervo ou exposição, podem ter múltiplas leituras, dependendo do ponto de vista de quem a concebe ou de quem a visita.

Objetivo

Trabalhar com a questão das versões sobre acontecimentos em geral (históricos, sociais ou artísticos) passíveis de serem estudadas nas exposições organizadas pelas instituições culturais, para que os alunos possam desenvolver sua percepção para nuances de como são contadas determinadas histórias e lidar com elas de maneira compreensiva e crítica.

O que se espera que os alunos aprendam

- Reconhecer a diversidade de pontos de vista sobre um mesmo fato, sobre um personagem histórico ou sobre a obra de um artista ou movimento artístico.
- Identificar que sempre são feitos recortes, segundo pontos de vista específicos, quando se escreve, se fala, se apresenta ou se expõe sobre algo ao público.
- Distinguir “pontos de vista”, podendo conceber que não existe uma verdade sobre todas as coisas, e sim verdades parciais, provisórias, passíveis de compreensão e de crítica.
- Reconhecer que existem diversas formas de “exposição”, desde exposições virtuais até exposições em cédulas de dinheiro, em museus e/ou em instituições culturais.



Apresentação do projeto aos alunos

ATIVIDADE 1 VERSÕES E EXPOSIÇÕES

Objetivo

Identificar o que os alunos pensam e como pensam, a respeito da diversidade de versões ou pontos de vista sobre um mesmo tema, discutindo acerca de sua “veracidade”.

Encaminhamento

1. Divida a turma em três grupos de tamanho equivalente. Informe aos alunos que farão um exercício de identificação do colega e que esta atividade tem como objetivo demonstrar que podemos ter diferentes formas de enxergar ou perceber um mesmo objeto, neste caso a mesma pessoa. Tomar esse cuidado pode ser importante para assegurar os objetivos da atividade sem causar nenhum constrangimento aos alunos.

O primeiro grupo de alunos vai receber a tarefa de refletir, individualmente, sobre a seguinte questão: “Se você fosse fazer uma exposição que contasse quem você é, *que objetos* seus escolheria para expor ao público?”. Se preferir, peça aos alunos que tentem explicar o seguinte: “Se você fosse fazer uma exposição que contasse quem você é, *que aspectos de sua personalidade* ou fatos de sua história escolheria para expor ao público?”. As duas propostas se equivalem. O importante é que os alunos trabalhem individualmente e façam um registro escrito, do que pensaram, que pode ser uma lista.

2. Os outros dois grupos de alunos, simultaneamente, terão tarefa semelhante. Cada aluno dos dois outros grupos pensará na seguinte questão: “Se você fosse encarregado de fazer uma exposição sobre um aluno do primeiro grupo,

Suas anotações



que objetos dele escolheria para expor ao público?” ou “Se você fosse encarregado de fazer uma exposição sobre um aluno do primeiro grupo, que aspectos da personalidade dele ou fatos de sua história, escolheria para expor ao público?”. Esses alunos também devem registrar por escrito o que pensaram no formato de uma lista.

É preciso reiterar a importância de anunciar a exposição sob seus aspectos positivos pois isso ajudará evitar brincadeiras desagradáveis entre os alunos.

3. A etapa seguinte é compartilhar com toda a classe as exposições que eles pensaram. Por exemplo: se é fato sabido que determinado aluno do primeiro grupo tem uma vasta coleção de cédulas de dinheiro antigas, é provável que todos os que pensaram em uma exposição sobre ele levem em conta

essa coleção. No entanto, é também muito provável que apareçam exposições diferentes sobre um mesmo aluno.

Debater com a classe essas diferenças e semelhanças entre as propostas será fundamental para iniciar o projeto: “Das propostas (versões) que apareceram sobre o mesmo aluno, podemos perceber quais aspectos/acontecimentos/objetos têm em comum? Há diferenças entre elas? Quais? Dentre essas versões sobre o aluno, existe uma que seja mais ‘verdadeira’ que as outras?”.

A idéia é que dessa discussão os alunos possam concluir que há pontos em comum e também diferenças entre as propostas de exposição sobre um mesmo “tema”. Além disso, e talvez mais importante, espera-se que os alunos possam concluir que não há uma versão “mais verdadeira” que as outras: o que muda é o olhar de quem está pensando nessa exposição. As escolhas sobre o que expor dependem dessa percepção e do que cada um acha mais interessante expor.

ATIVIDADE 2 EXPOR É FAZER ESCOLHAS!

Objetivo

Criar condições para que os alunos compreendam que é possível fazer diferentes exposições sobre um mesmo tema e que, para tanto, necessita fazer escolhas.

Encaminhamento

1. Além de refletirem sobre a exposição de um colega, proponha que eles pensem em uma exposição comemorativa de algum fato histórico. Procure relacionar este exercício a algum conteúdo que os alunos estejam estudando na disciplina de História. Vamos pensar em um exemplo: a chegada da família real portuguesa ao Brasil, em 1808. Nesse caso, você poderia propor uma questão como: “Seria possível expor a própria chegada da família real portuguesa ao Brasil (ou seja, ‘expor o acontecimento em si’)?”.

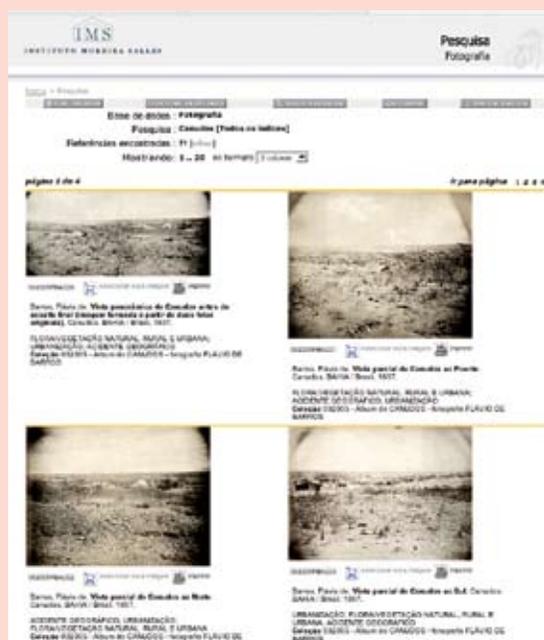
Suas anotações

2. Diante da constatação dessa impossibilidade, poderia ser colocada outra discussão: “Como vocês imaginam que uma instituição cultural faz uma exposição sobre esse acontecimento histórico?”.

Será importante que os alunos pensem, entre outras coisas, que é preciso **fazer escolhas sobre o que expor**. Essas escolhas não se referem exclusivamente aos objetos que serão expostos, documentos históricos em geral, mas também **o que destacar daquele acontecimento específico para expor ao público**: poderia ser feita uma exposição sobre as dificuldades da viagem naquela época, ou sobre os principais personagens históricos envolvidos, ou até mesmo sobre a alimentação daquele período na cidade do Rio de Janeiro...

INVENTANDO UMA EXPOSIÇÃO

Uma forma bastante interessante de os alunos reconhecerem o que está desenvolvido na atividade 2 é utilizar a internet, montando com elas um arquivo virtual. Sugira que eles selecionem imagens de um acontecimento histórico sobre o qual já tenham estudado, como a Guerra de Canudos. O Instituto Moreira Salles dedica-se a montar um amplo acervo de fotografias, algumas, como no caso de Canudos, disponíveis na internet. Peça aos alunos que acessem <http://ims.uol.com.br/ims>, entrem no link “Acervos e pesquisas”, cliquem em “Veja mais” na parte de fotografia e, depois, em “Álbum canônico virtual sobre a Guerra de Canudos”. Os alunos podem ler o texto que vai aparecer para saber do que se trata o projeto e em seguida clicar em “Aqui”. Os alunos vão poder observar uma série de imagens e clicar em “Selecionar esta imagem” quando fizerem a escolha para sua exposição. Ao final, a exposição de cada um ou de cada grupo estará montada na internet e poderá ser vista clicando no link “Sua seleção” no final da página. Peça que todos os alunos vejam as exposições criadas e, então, promova uma discussão sobre as diferentes seleções.



Página de pesquisa do site do Instituto Moreira Salles, sobre a Guerra de Canudos.



Aprofundando o tema

ATIVIDADE 3 EXPOSIÇÃO E MEMÓRIA

Objetivo

Reconhecer formas de exposições colaboram para a construção e manutenção da memória sobre os acontecimentos.

Encaminhamento

Existem formas diferentes daquilo que podemos chamar de exposição. No caso deste projeto, estamos tratando das exposições de arte, históricas ou documentais realizadas em instituições culturais, uma das quais seus alunos ainda vão visitar ou já visitaram. Entretanto, isso não quer dizer que apresentar outros exemplos de exposições de natureza distinta dessa fuja do tema central. Ao contrário, é interessante propor esta atividade como etapa importante do processo de estudo dos alunos.

Lide, por exemplo, com exposições que, ao longo da História do Brasil, foram feitas sobre as cédulas das moedas brasileiras.

1. Mostre aos alunos imagens de cédulas de dinheiro brasileiro de outras épocas e informe a eles que o dinheiro do Brasil nem sempre foi o real, tal como o conhecemos hoje. Uma boa fonte de informações e de imagens de moedas brasileiras do passado é o *site* do Banco Central, no *link* de numismática: www.bcb.gov.br/?CEDMOEBR.

Você pode agregar a essa explicação inicial a informação de que em outros momentos de nossa história não apenas o nome da moeda era outro, como também as cédulas tinham a intenção de apresentar personagens ou acontecimentos da História nacional ou das artes. Exponha a eles, se possível, as imagens das cédulas reproduzidas aqui.

Suas anotações



Na cédula de 50 cruzeiros, vigente de 1967 a 1972, a princesa Isabel é representada no anverso; no reverso, tela de Cadmo Fausto de Souza, apresentando a tábua da Lei Áurea, sustentada pela figura da Liberdade, tendo à direita os grilhões partidos.



Veja www.bcb.gov.br/htms/museu-espacos/cedulas/CRN.asp?idpai=cedbrlista#CRN005. A cédula é de cinco centavos de cruzeiro novo. Observe o carimbo.

- Informe a eles que no anverso de ambas as cédulas está estampada a figura da princesa Isabel. Sabendo se os alunos já estudaram o processo de abolição da escravidão ou não, a inserção desse assunto pode ser feita com mais adequação aos saberes da turma. Pergunte-lhes se já ouviram falar da princesa Isabel e se saberiam dizer o que ela fez. Se algum aluno citar a abolição da escravidão e especificamente a Lei Áurea, aproveite para sugerir que procurem decifrar o que está no reverso das notas e descobrir se há alguma relação entre a imagem do reverso e a figura do anverso.
- Uma vez que tenham sido capazes de dizer que no reverso de uma há ex-escravas remetendo à idéia do fim da escravidão e que no reverso da outra aparece uma mulher segurando uma tábua – que provavelmente é da Lei Áurea –,

Suas anotações



A cédula de 200 cruzeiros, vigente de 1981 a 1987, apresenta no anverso a princesa Isabel e no reverso ex-escravas.

você pode colocar a eles as seguintes perguntas, pedindo para que respondam em dupla, em seus cadernos:

- Que imagem da princesa Isabel essas cédulas pretendiam mostrar para a população? Que elementos das cédulas permitem afirmar isso?
- Quem criou essas notas tinha um ponto de vista simpático à princesa Isabel ou um ponto de vista crítico a ela? Justifiquem.
- A princesa Isabel poderia ter sido representada de outra forma? Como? Por quê?
- Quem criou essas notas teve a oportunidade de representar a figura de qualquer personagem histórico importante na História do Brasil. Na opinião de vocês, por que escolheu a princesa Isabel?
- Esse tipo de uso das cédulas de dinheiro pode ser considerado uma forma de exposição? Expliquem.

Suas anotações

ATIVIDADE 4 PONTO DE VISTA É MENTIRA?

Objetivo

Compreender que diferentes versões sobre um mesmo tema podem ser divulgadas, sem que as diferenças de pontos de vista impliquem inverdades.

Pesagem e encaixotamento de açúcar em fazenda do interior da província do Rio de Janeiro,
Victor Frond, c. 1858.
Litografia de Ph. Benoist a partir de original em albumina de Frond, 15,7 x 22,7 cm (do álbum *Brazil Pitoresco*), Col. Dona Thereza Christina Maria, Biblioteca Nacional.



UMA PRINCESA TRAVESSA?

Ao contrário do que muita gente pensa, a escravidão no Brasil não acabou de uma hora para outra com a assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel, em 13 de maio de 1888. Da forma como essa história é normalmente contada, parece até uma travessura da filha do imperador, realizada durante a ausência dos pais.

O fato de uma lei tão importante ter sido assinada pela princesa e não pelo próprio imperador diz muito sobre as circunstâncias que antecederam a sua publicação. Quando os proprietários de escravos perceberam que a abolição era inevitável, começaram uma campanha a favor dela. Porém defendiam que, para ser libertado, cada escravo teria de ser comprado pelo Estado brasileiro.

Se o projeto fosse aprovado, o Império teria um prejuízo enorme. Para evitá-lo, o fim da escravidão foi decretado às pressas. O imperador não estava no Rio de Janeiro; sua filha, a princesa Isabel, assinou a lei que aboliu a escravidão no Brasil. O fim da escravidão não foi uma travessura da princesa com seu pai, mas sim com os negros, que foram libertados, mas não receberam nenhum apoio do Estado.



Último retrato da família imperial no Brasil, tirado na residência da princesa Isabel em Petrópolis, por Otto Hees, 1889. Albúmen, 19,0 x 14,5 cm, Coleção Museu Imperial.

3. Proponha aos alunos a seguinte reflexão: “Esse texto parece ter o mesmo ponto de vista sobre a princesa Isabel que as cédulas de dinheiro que analisamos? O que o autor do texto nos apresenta é um ponto de vista crítico ou simpático à princesa Isabel?”. Os alunos podem, então, começar a levantar esse tipo de questão: “Mas então quem está dizendo a verdade?!”.

Criando-se essa situação, você terá assegurado o principal objetivo da atividade, ou seja, terá a chance de discutir com eles que não se trata exatamente de “encontrar a versão verdadeira”, mas de entender que existem diferentes versões possíveis.

Afinal, as cédulas de dinheiro não mentem: de fato, a princesa Isabel assinou a lei que declarou a escravidão ilegal no Brasil. De outro lado, o autor Oldimar Cardoso também não mente, já que é verdadeira a afirmação de que os escravos não tiveram, depois da Lei Áurea, nenhum apoio do Estado: foram lançados em uma sociedade da qual sempre estiveram excluídos.

4. Diante disso, os alunos precisam, agora, começar a perceber que toda vez que se trata de enunciar, apresentar ou expor qualquer coisa há questões de pontos de vista que devem ser levadas em conta por quem lê, escuta, observa e visita. Para isso, seria interessante entrar em um *site* de alguma instituição cultural que disponibilize, na rede, ao menos um recorte de uma exposição realizada ali – pode ser a instituição que você vai visitar ou já visitou com sua classe ou qualquer outra que disponibilize um serviço semelhante.

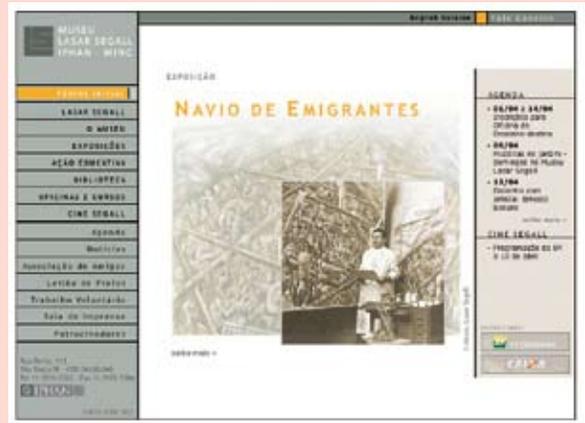
Suas anotações

EXPOSIÇÕES VIRTUAIS

Muitas instituições culturais brasileiras e do exterior têm tornado seus acervos disponíveis na internet para quem quiser consultá-los. Algumas dessas instituições também disponibilizam catálogos eletrônicos das exposições que realizam. Um exemplo bastante interessante é o *site* do Museu Lasar Segall (www.museusegall.org.br).

Ali é possível acessar reproduções eletrônicas de uma seleção das obras que foram expostas ao público em diversas ocasiões.

Para preparar a visita que você fará a uma instituição cultural ou em qualquer momento durante o desenvolvimento deste projeto, sugira aos alunos que acessem a página de alguma instituição e percorram o *site* procurando identificar como, para cada exposição, determinado recorte é proposto. Dificilmente quando tratamos de um artista cuja obra já seja bastante consolidada e ampla, depararemos com uma exposição de “toda” a sua obra. Há um propósito por trás daquilo que está exposto, por exemplo: foram identificados momentos de sua vida criativa, reconhecido o uso de diferentes técnicas criativas e, por fim, selecionada uma parte da obra toda para ser exposta ao público. Isso ocorre mesmo no caso de exposições retrospectivas. Há sempre uma seleção realizada antes de ser apresentada ao público. Tal seleção, como pode ser vista nesses *sites*, pretende levar o espectador a reconhecer, na obra daquele artista, determinada fase, certo método de criação etc. Ao espectador cabe saber que o que está vendo é uma *parte* do *todo* da obra daquele artista.



Página inicial do *site* do Museu Lasar Segall.

5. Proponha aos alunos que, ao entrarem nesse *site*, procurem registrar em seus cadernos quais foram os recortes feitos por aquela instituição cultural para expor a obra do artista. Isso se relaciona com as atividades anteriores, já que se espera que eles tenham passado pelo momento do reconhecimento de que, quando alguém vai expor alguma coisa, necessariamente faz seleções de acordo com seu ponto de vista, com as intenções da exposição, com aquilo que valoriza ou despreza.

Semelhantemente ao que foi estudado sobre as cédulas de dinheiro, também esses pontos de vista apresentam “verdades” parciais sobre o que está sendo exposto.

Suas anotações



Finalização e avaliação do projeto

ATIVIDADE 5 COMO LIDAR COM CATÁLOGOS E SELEÇÕES

Objetivo

Identificar critérios elaborados para a criação da exposição visitada, para, a partir disso, poder propor mudanças.

Encaminhamento

Esta atividade pode ser adaptada por você, dependendo do momento em que a visita à instituição cultural ocorrer. Se a visita for feita no início do projeto, retome as anotações dos alunos, reconstrua de alguma maneira em sala de aula a exposição visitada. Se a visita à exposição estiver ainda pela frente, este será um bom momento para preparar o tipo de observação e registro que se espera que os alunos façam quando lá estiverem. Eles vão poder sair da escola para a instituição cultural com alguns questionamentos.

Trata-se da atividade final do projeto, uma ocasião para que você possa avaliar as aprendizagens dos alunos e, ao mesmo tempo, o próprio projeto desenvolvido.

1. É importante definir com os alunos do que trata a exposição que vocês vão ver. Apresente a eles oralmente, ou proponha uma busca no *site* dessa instituição.

Uma vez que os alunos tenham claro qual o tema do que vão visitar, entre na etapa de ampliação de seus conhecimentos a respeito do artista, do tipo de obra, enfim, do assunto da exposição/instituição.

Por exemplo, se a exposição que será visitada for uma mostra de determinado recorte da obra da artista brasileira

Tarsila do Amaral, você pode pedir aos alunos que entrem em um *site* de busca e procurem mais informações sobre a artista e sobre sua obra. Caso a exposição seja de cunho histórico ou documental, a mesma pesquisa pode ser realizada. Os alunos poderão encontrar, além de imagens – há *sites* de busca que permitem a pesquisa diretamente por imagens relacionadas –, textos críticos e informativos a respeito do tema. Todo esse material se constitui como suporte para a observação que eles realizarão durante a visita à exposição/instituição.

2. Em seguida, proponha aos alunos que, em sala de aula, compartilhem com os colegas aquilo que encontraram em suas pesquisas. Nesta etapa, sugira a eles, organizados em duplas, que reflitam : “Vocês encontraram uma série de informações, dados e imagens sobre o tema da exposição que vamos visitar. Diante desse material todo, como vocês organizariam a exposição? Qual seria o critério escolhido por vocês para apresentá-la ao público visitante? Por quê?”.
3. Essa última pergunta pode gerar uma nova rodada de discussões com a classe com o objetivo de concluir que critérios balizaram as exposições: só se consegue fazer escolhas do que apresentar ao público, se existirem critérios que possam orientar as decisões e, assim, diferentes formas de organização.

Diante disso, espera-se que os alunos possam chegar à instituição cultural que será visitada, já sabendo que o que verão é um recorte proposto por alguém ou por um grupo de pessoas, encarregado de conceber a exposição. Saberão, portanto, que o que verão é uma versão, um recorte sobre aquele tema e não a única versão possível.

4. Sugira a eles que, diante da diversidade de possibilidades de realização da exposição e do que viram na visita à instituição cultural, proponham uma transformação da exposição visitada.

Suas anotações

Essa transformação não precisa ser uma revolução! Os alunos terão a sua disposição todo o conhecimento discutido em aula ao longo do projeto, assim como o conjunto da pesquisa que fizeram na internet sobre o tema da exposição. Todo esse material permitirá a eles sugerir:

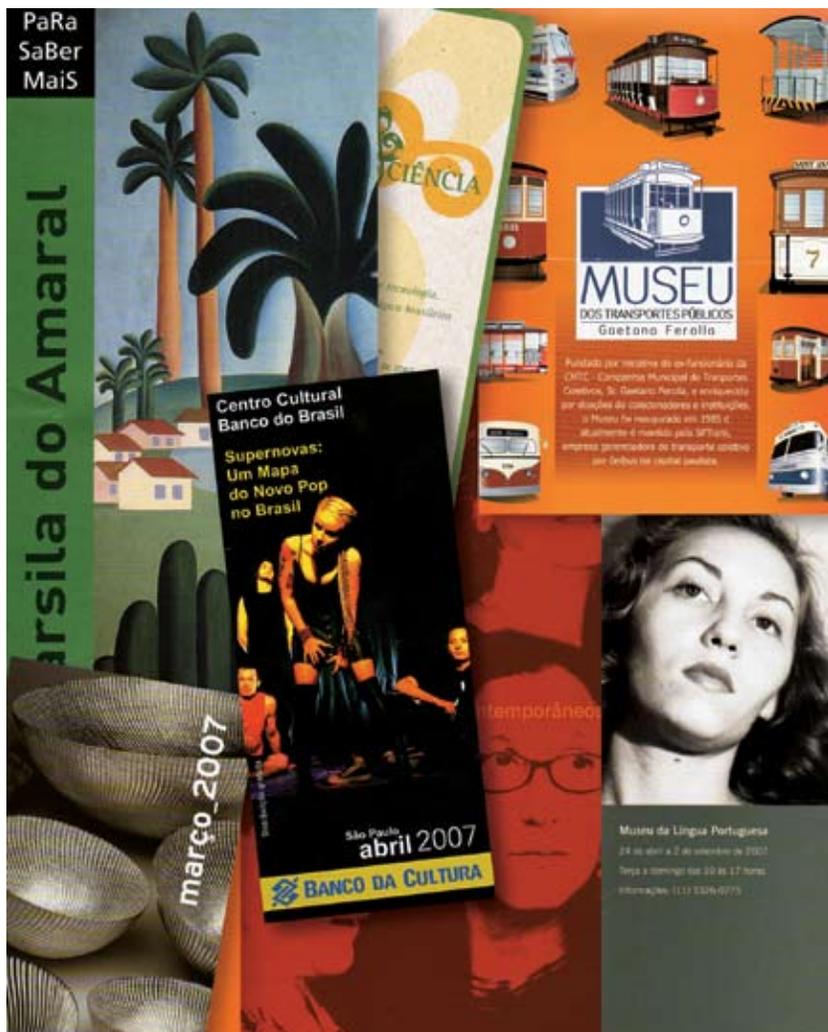
- um novo recorte para o tema que estava sendo exposto;
- a supressão de algumas das obras ou documentos do catálogo da exposição;
- a inclusão de outras obras ou documentos na exposição, criando a oportunidade de ampliar o olhar do visitante sobre aquele tema;
- a criação, a mudança ou a supressão de partes inteiras da exposição (determinados salões, por exemplo).

Como avaliação, essas propostas devem estar embasadas em argumentos que as justifiquem. Isso permitirá a você identificar de que formas os alunos compreenderam a exposição que visitaram e como puderam se apropriar dos conhecimentos que você selecionou ao escolher a exposição visitada.

5. Como os alunos vão apresentar esse trabalho? Isso vai depender da instituição cultural e da exposição que você escolheu. Por exemplo, se a exposição contar com um catálogo publicado e distribuído aos visitantes, mesmo que seja um pequeno *folder*, sugira que façam suas intervenções diretamente nesse material. Caso a exposição tenha sido uma exposição de arte, as próprias intervenções no *folder* se constituirá em um objeto criado pelos alunos.

Se a exposição não dispuser de material semelhante a esse, peça aos alunos que procurem registrar, por escrito e com desenhos, como organizariam a exposição e quais mudanças fariam nela. Para que possam utilizar a ferramenta do desenho, proponha que durante a visita tentem reconhecer aquele espaço, seus salões, seus corredores.

Dessa forma, os alunos conseguirão recriar, em sala de aula e coletivamente, o espaço expositivo visitado: eles poderão,



por exemplo, desenhar uma planta baixa da instituição cultural ou da exposição, com legendas, e utilizá-la para facilitar a tarefa de explicar, por escrito, as intervenções que estiverem propondo.

6. Ao final do processo, você terá na sala de aula um conjunto expressivo de diferentes recortes que geraram diferentes exposições sobre o mesmo tema. Será interessante organizar uma mostra desse material e finalizar o projeto com uma discussão coletiva a respeito do que a classe como um todo pode concluir com base nessa experiência.

Isso fará parte de uma avaliação, que você poderá fazer procurando referendá-la às expectativas de aprendizagem e aos objetivos do projeto, definidos previamente.

Suas anotações

Orientações para a visita

A visita à instituição cultural pode ser feita em qualquer momento do projeto, ou seja, no início, no meio ou no final. Em cada um desses momentos há questões específicas a serem observadas, mas, de modo geral, alguns aspectos devem ser pontuados em qualquer um deles.

Antes da visita

Antes de visitar a instituição e/ou a exposição, é importante que os alunos tenham esclarecido o tema que eles verão exposto. Vale a pena precisar com eles se se trata de uma exposição de arte ou de outro caráter. Tente antecipar, com base nas hipóteses que eles mesmos podem ter, o que imaginam encontrar nessa exposição. A pesquisa sugerida na atividade 5 do projeto não precisa ser feita necessariamente antes da visita. Ela pode também ser uma boa ocasião para lembrar com os alunos o que eles viram na instituição cultural.

Durante a visita

Nesse caso, os alunos ainda não terão conhecimento da questão central, qual seja, a da multiplicidade de olhares e versões para um mesmo tema/assunto apresentado em uma exposição; eles ainda não estarão pensando que a exposição poderia ter sido organizada de outra forma. Torna-se mais importante, assim, pedir aos alunos que registrem em seus cadernos o que estiverem observando. Algumas questões norteadoras podem ser propostas nesse sentido (essas questões também são válidas para a visita realizada no meio ou no final do projeto):

- Qual é ou parece ser a obra a que foi dado o maior destaque nessa exposição?
- Qual o tema geral da exposição?
- Que tipo de obras/objetos/documentos estão expostos?
- Que partes da exposição você achou mais interessantes? Por quê?
- Que partes da exposição você achou menos interessantes? Por quê?

Os registros que os alunos fizerem com base nessas questões – e de outras que você pode propor – serão importantes para a retomada da visita mais tarde, na escola, para dar continuidade ao projeto.



à instituição cultural

Ainda durante a visita, oriente os alunos para tentarem observar bem o espaço expositivo para que possam fazer um registro facilitador do produto final do projeto.

Depois da visita

De volta à escola, é importante, para os objetivos do projeto, propor uma apresentação de cada aluno ou dupla de alunos, conforme você tenha preferido organizá-los. Nessa apresentação, eles devem contar o que registraram, e espera-se que percebam que também os visitantes e não apenas os curadores ou organizadores da exposição podem ter olhares diversos. É possível que um aluno tenha achado mais interessante justamente a parte que outro julgou a menos interessante da exposição.

Bibliografia

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mario (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Brasil. *Parâmetros Curriculares Nacionais – História*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos; apresentação dos temas transversais*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRUNO, Cristina. *Museologia e comunicação. Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 9, 1996.
- CARDOSO, Oldimar Pontes. *Tudo é história*, v. 3. São Paulo: Ática, 2006.
- GRINSPUM, Denise. *Educação patrimonial como forma de arte e cidadania. Educação com arte*. São Paulo: FDE, 2004. (Série Idéias, n. 31.)
- GUARNIERI, Valdisa Rússio Camargo. *Conceito de cultura e sua inter-relação com o patrimônio cultural e a preservação. Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 7-12, out. 1990.
- Tozzi, Devanil (coord.). *Educação com arte*. São Paulo: FDE, Diretoria de Projetos Especiais, 2004.

Sites

- Banco Central do Brasil – www.bcb.gov.br
- Instituto Moreira Salles – www.ims.com.br
- Itaú Cultural. Trata-se da maior fonte de referência *on-line* do país, com mais de 3 mil verbetes e 12 mil imagens. Disponível em: www.itaucultural.org.br
- Museu Lasar Segall – www.museusegall.org.br
- Revista Museu*. Oferece material de referência sobre museologia, patrimônio e cultura, um interessante glossário de termos museológicos e notícias dos diversos museus do Brasil. Disponível em: www.revistamuseu.com.br

QUADRO GERAL DOS PROJETOS

Séries	Eixos temáticos	Projetos
1ª e 2ª séries	Os seres vivos diante das estrelas	Árvores, folhas e outros verdes: imaginar e olhar
		Animais e suas paisagens
		Astronomia: o Sistema Solar, seus planetas e outros mistérios do céu
3ª e 4ª séries	Heranças culturais	O baú da identidade: nossas heranças imateriais
		As heranças culturais e os objetos que contam histórias
5ª e 6ª séries	Espaços, tempos e obras	O espaço e a produção de representações
		Conhecer e comunicar os bens culturais
7ª e 8ª séries	Patrimônio, expressões e produções	Os objetos e as diferentes formas de olhá-los
		História e histórias: múltiplas versões
Ensino Médio	Séculos, contextos e transformações	Comunicação cultural: uma ponte entre a escola e a instituição cultural
		Prédios contam histórias de suas transformações

PRODUÇÃO DOS FASCÍCULOS

Coordenação geral

A. W. Faber-Castell S.A.
Fundação para o Desenvolvimento da Educação – FDE

Supervisão pedagógica

Lourdes Atié

Consultoria

Denise Grinspum
Heloísa Ferraz
Monique Deheinzelin
Rosa Iavelberg
Tarcísio Tatit Sapienza

Supervisão em Língua Portuguesa

Vera Barreira

Concepção e elaboração

Andrea Luize
Andrea Polo
Angela Kim
Carlos Arouca
Cesar Ricardo S. Santos
Claudia Rosenberg Aratangy
Daniel Helene
Pedro Henrique A. Raveli
Valéria Pimentel

Equipe técnica da FDE

Eva Margareth Dantas
Fernanda Lorenzani Gatos
Lizete Freire Onesti
Marilena Bocalini
Maristela Lima
Marta Marques Costa
Nilva Rocha
Thiago Honório (colaborador)

Projeto gráfico e editoração

Mare Magnum Artes Gráficas

Preparação de originais e revisão

Maria Carolina de Araujo
Marcia Menin

Ilustrações

Andrea Aly (logomarca do programa)
Juliana Russo

Impressão e acabamento

Rettec Artes Gráficas

Tiragem

12.000 exemplares



SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ

